

UCB – UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA  
Formação Humanística – Antropologia da Religião

**EVOLUCIONISMO SOCIAL – SÉC. XIX**

Brasília  
2008

BRUNO ALVES DA SILVA  
FÁBIO ALVES DE OLIVEIRA  
ELEN CRISTINA RESENDE SANTANA  
JEFFERSON FRANCISCO RAMOS POLI  
(GRUPO 02)

**EVOLUCIONISMO SOCIAL – SÉC. XIX**

Trabalho apresentado à disciplina de Antropologia da  
Religião, do curso de Formação Humanística da UCB –  
Universidade Católica de Brasília.

Docente: Janete Cardoso dos Santos.

Brasília  
2008

*No século XIX houve um grande florescimento da ciência. Todas as áreas do conhecimento registraram avanços e a ciência passou para o domínio público, tornou-se mais popular.*

*O apogeu do cientificismo com a revolução francesa consolidada pelo código de Napoleão, trouxe as luzes os direitos dos homens e suas muitas correntes como fontes culturais de sua antropocêntrica soberania.*

*Tais correntes laicas proporcionaram ao homem as reservas legais necessárias para seu crescimento tecnológico e intelectual; daí o nascimento da antropologia social resultado de uma nova estrutura de Estado e de um novo pensamento onde, a “teoria das espécies” entre outras muitas teorias correlatas ganham destaque em, um mundo novo em franca evolução.*

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>2 A CORRENTE DO EVOLUCIONISMO SOCIAL.....</b>	<b>02</b>
<b>3 DA INFLUÊNCIA DOS DIREITOS NO EVOLUCIONISMO.....</b>	<b>03</b>
<b>4 CULTURA EVOLUCIONISTA DO SÉC. XIX.....</b>	<b>04</b>
<b>5 CRÍTICA À RELIGIÃO EVOLUCIONISTA.....</b>	<b>09</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>12</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No século XIX houve um grande florescimento da ciência. Todas as áreas do conhecimento registraram avanços e a ciência passou para o domínio público, tornou-se mais popular.

Em 1831, na Inglaterra, foi criada a *Associação Britânica para o Processo da Ciência*, exemplo seguido pelos Estados Unidos em 1848. Nesses dois países e por toda a Europa, aumentou, o consumo de jornais e revistas científicas pela massa popular. Em 1840, era registrada então a palavra *cientista*. Dezenove anos depois, em novembro de 1859, todos os exemplares da primeira edição do livro “*Origem das Espécies*” ( onde segundo Darwin, as espécie vivas não foram criadas, mas sim evoluídas com o passar das eras) do cientista evolucionista Charles Darwin, foram vendidos num só dia.

Outro fator que impulsionou o avanço científico no século XIX foi a racionalização do trabalho de pesquisa. A Revolução Francesa deu uma forte ajuda para começar a haver mudanças na sociedade científica; foram criados, por exemplo, museus e escolas politécnicas, com o ensino regular de ciência.

O período Evolucionista destacou muitos cientistas e muitas descobertas tecnológicas que beneficiaram a sociedade até os dias de hoje.

Neste trabalho iremos abordar o tema Evolucionismo de maneira mais ampla, onde iremos contemplar este grandioso movimento através do pensamento crítico onde, suas relevâncias históricas e científicas traçam o composto precípua de nossa sociedade contemporânea.

Veremos que, tais pensamentos evolucionistas organizaram as sociedades, contribuindo com seu novo modelo de Estado. Criando as bases para o cientificismo tão importante para seu novo modelo econômico classista, onde os interesses neo-classistas ganham dimensão mercantil crescente, resguardada por sua nova estrutura e estado de direitos.

Além das imensas inovações dos moldes capitalistas, vamos analisar o conjunto desses feitos que, trazem com o Evolucionismo e suas revoluções, um novo cultuar do poder. Onde o culto aos direitos de propriedade e do homem, reforçam seus ímpetus animalescos, onde, a “teoria das espécies” entre outras muitas teorias correlatas ganham destaque em, um mundo novo de cultos excessivos a razão e ao homem como, “centro do universo”.

Tais excessos destoam da finalidade social creditada aos constituintes na França, quanto aos “Direitos Universalistas do Homem”, fazendo da corrente “humanista”, “democrática” e “evolucionista”, uma nova massa de manobra para as finalidades econômicas de suas classes que, mais uma vez as custas da “rés”, trazem um novo conceito separatista, absoluto e dualista, onde tais barbáries destroem e corrompem o homem de maneira tal que, não contemplam uma saída de sua incondicionada razão. Tal disputa entre o “criacionismo” e o tão divulgado “Evolucionismo” fazem na dúvida, um Estado decadente, onde mais guerras pelo poder destacam de maneira única sua finalidade antropocêntrica pelo poder econômico onde, tais “egos” desmontam sua historicidade a termos de uma distante realidade de inóspitos interesses primitivos. Neste ponto, intrinsecamente, no cerne de nossa natureza humana, Charles Darwin

acertou em sua “teoria das espécies” quando da evolução transacional dos macacos, mesmo nela parecer inversamente construir de outra maneira, nossa involução.

## 2 A CORRENTE DO EVOLUCIONISMO SOCIAL

“um processo temporal-formal, contínuo e geralmente acumulativo e progressivo, por meio do qual os fenômenos culturais sistematicamente organizados sofrem mudanças, uma forma ou estágio sucedendo ao outro”. (Leslie A. White)

Esta frase de White constitui de forma simples a corrente do Evolucionismo do séc. XIX, com ou sem a evolução das espécies. Sem dúvida o processo formalista com o apogeu do cientificismo e a revolução francesa consolidada pelo código de Napoleão, trazendo as luzes, os direitos dos homens e suas muitas correntes como fontes culturais de sua antropocêntrica soberania.

Tais vertentes fazem cientistas pensarem a antropologia e a ciência de sua evolução. **Edward Burnett Tylor (1832-1917)** foi o criador da antropologia social britânica, grande evolucionista que, vai influenciar os muitos pensadores a criar uma ligação com nossas origens sociais primitivas. Também **Lewis H. Morgan (1818-1881)** fez um trabalho de campo com os índios Sêneca (iroqueses) e em 1870 fez um estudo comparativo das terminologias de parentesco, em 139 sociedades. A sua teoria salienta a evolução de todas as sociedades da promiscuidade (poligamia) para a monogamia; seu “esquema” de períodos e estágios (Selvageria, barbárie e civilização) fora de grande importância nesta pesquisa científica.

O Evolucionismo, também conhecido como “Evolucionismo cultural”,

como qualquer outra teoria importante, foi obra de muitos pensadores e assumiu várias formas. Alguns deles trabalham a teoria em uma abordagem mais ampla, procurando descrever e explicar o desenvolvimento da civilização humana em sua totalidade. Outros limitavam-se a aspectos específicos da cultura, ou seja, arte, religião, família, economia, estado etc. Não só estudaram diferentes aspectos da cultura, como também diferiram nas interpretações que deram aos fatos utilizados para definir posições. Almejavam compreender o ritmo de crescimento sócio cultural do homem, através dos dados coletados, a fim de formular generalizações de grande aplicabilidade, que pudessem explicar o desenvolvimento da história humana. (Presotto, 2006, pp.244-45)

Alguns cientistas traçaram a corrente do Evolucionismo,

que predominou no pensamento dos antropólogos e outros estudiosos do século passado, não sofreu, conforme se pensa, influência direta das idéias de Darwin (1809-1882), uma vez que alguns autores dessa disciplina já manifestavam idéias evolucionistas antes e concomitantemente com ele. Spencer (1820-1903), por exemplo, não só popularizou o termo *evolução*, como também foi o primeiro a usar a expressão sobrevivência do mais apto; em conseqüência, Darwin, aceitando o termo, modificou o termo de *Origem das espécies* para *Seleção natural*. Maine (1822-1888) deu importância a evolução do Estado, desde a organização baseada no parentesco, que se encontrava ligada a determinado território, até formas mais complexas. Sustentava que a família patriarcal era forma original e universal da vida social. Haddon (1855-1940) e outros ressaltavam a evolução nas formas da arte, do realismo ao convencionalismo. McLennan (1827-1881) defendeu o ponto de vista que o sistema de descendência patrilinear. Estabeleceu estágios na evolução do matrimônio e da família, inclusive na “captura da noiva”. Frazer (1854-1941) postulava três etapas de evolução pelas quais passam todas as sociedades: magia, religião e ciência. Bastian (1826-1905) aventou a possibilidade de que as semelhanças das culturas em geral baseavam-se em uma estrutura comum de “idéias elementares”. Lubbock (1834-1913) remontou a origem moderna da

instituição do matrimônio a um estado de promiscuidade. Além desses, havia pensadores evolucionistas, como Comte (1798-1857), que apresentava o homem passando do estado “teológico” para o “metafísico” e chegando ao “positivo” ou científico; Buckle (1857-1861), que procurou explicar a evolução do homem por meio de uma interação de fatores como clima, alimentação e tipo físico; e ainda Turgot, Condorcet e outros. (Id. p.245)

### **3 DA INFLUÊNCIA DOS DIREITOS NO EVOLUCIONISMO**

Na civilização européia, ressurge, no século XVIII, o movimento codificador. Não se manifestou, a princípio, em códigos, mas em compilações, isto é, em reunião de leis esparsas ou de costumes, só em 1804 surge o primeiro código moderno: o de Napoleão (Code Civil des Français ou Code Napoléon).

Partindo da França, atingindo a Alemanha, o movimento codificador ganhou a corrida com o direito comum (direito romano adaptado às condições européias pelos juristas europeus desde a Idade Média) e com o direito consuetudinário. Países como a Inglaterra e os Estados Unidos, que não aderiram a esse movimento, de certa forma sentiram a necessidade de oficialmente unificar o direito. Na Inglaterra, escreve Gogliolo: *"é sabido que os juizes se fundam nos chamados precedentes escritos, que se encontram em coleções e livros. Esta jurisprudência escrita (case law) é uma espécie de código sob outra forma"*. Nos Estados Unidos, os precedentes judiciais predominantes, assentados e tradicionais, sobre determinadas matérias jurídicas estão sendo compilados (restatement).

Um decreto dos Cônsules, de 12 de Agosto de 1800, criou uma comissão de governo composta por quatro juristas de renome, encarregada de submeter aos Cônsules uma série de projetos de leis civis. Tendo cada membro redigido uma parte dos textos, ao final de quatro meses o projeto estava pronto, sendo seguidamente discutido em comissão. O projeto foi submetido ao Conselho de Estado que o remodelou e dividiu-o em 36 partes. Os projetos do Conselho de Estado foram submetidos ao Tribunato, sendo mal acolhidos por razões essencialmente de oposição política.

Foi Napoleão que, modificando os membros do Tribunato, eliminando todos que lhe eram hostis, fez com que em um só ano, de Março de 1803 à Março de 1804 fossem discutidos e aprovadas 36 leis, que foram promulgadas em um único corpo, em 21 de Março de 1804, recebendo o título de "Código Civil dos Franceses" e, em 1807, o de "Código de Napoleão", sendo constituído de 2281 artigos.

Compreende um título preliminar e três livros: o primeiro sobre as "pessoas", o segundo sobre os "bens e as diferentes modificações da propriedade", e o terceiro sobre os "diversos modos pelos quais se adquire a propriedade". Nesse último, que cobre mais de dois terços de sua superfície (do artigo 1522 até o 1778), estão regulados os mais diversos institutos: os regimes matrimoniais, as obrigações, as doações e testamentos, as garantias reais e outros.

O Código Francês procurou harmonizar o Direito Romano com o direito público costumeiro, em essência rendia homenagem à doutrina dos direitos do homem, colocava o indivíduo frente ao Estado em posição superior e sancionava a autonomia do direito privado em relação com o direito público. Seu espírito reflete a mentalidade

individualista da época. Foi considerado o Código da Burguesia, por ter atendido aos interesses e aspirações desta classe, não se redigiu no propósito de ser lei de privilégios, ao contrário, a intenção foi elaborar um código impessoal, expressão eterna das coisas, para ser aplicado sem distinção de classe, e sem limite de tempo.

Funda-se nos princípios individualistas da liberdade contratual, na propriedade como direito absoluto, e na responsabilidade civil fundada na culpa provada pelo lesado. Inspirou o antigo Código Civil Italiano, bem como o Espanhol, o Português, o Belga, o Holandês, o Romeno, o antigo Código Civil Egípcio e os de Quebec e de Louisiana.

O movimento codificador de antes da revolução francesa ao código de Napoleão, foi o "movimento evolucionista do direito". Onde tal pensamento, divulgado e imposto a todos os Estados neo-colonizados por este imperador, trouxe junto da revolução francesa de 1789, uma valoração do homem com seus direitos fundamentais, de maneira tal, diante dos países constituintes que, influenciando na cultura de Estado, tornou-se alavanca do idealismo antropocêntrico, provocando com esta nova estrutura de estado a reserva legal ideal, ao desenvolvimento do pensamento evolucionista.

#### **4 CULTURA EVOLUCIONISTA DO SÉC. XIX**

Outro fator que impulsionou o avanço científico no século XIX foi a racionalização do trabalho de pesquisa. A Revolução Francesa deu uma forte ajuda para começar a haver mudanças na sociedade científica; foram criados, por exemplo, museus e escolas politécnicas, com o ensino regular de ciência.

Na física, os resultados mais significativos ocorreram no campo da óptica, da teoria do calor e da eletricidade. Com exemplo Fresnel demonstrou que a luz é uma vibração que se propaga por ondas; Carnot estabeleceu os princípios fundamentais da termodinâmica em 1824.

Em 1800, Volta inventou a pintura elétrica, geradora de corrente contínua. Na década de 1820, o Francês Ampère formulou as leis do magnetismo, onde demonstrava a existência de certa identidade entre os fenômenos elétricos e os magnéticos, e construiu o eletroímã.

Em 1889, o Alemão Hertz mostrou que as oscilações elétricas propagavam-se no espaço por meio de ondas, tal como a luz. O francês Becquerel descobriu, em 1896, os fenômenos radiativos na França, isolaram o mais poderoso corpo radiativo: o rádio.

Em 1833, o alemão Gauss inventou o telégrafo eletrônico; o americano Morse criou o aparelho transmissor em 1835. após isso, com os trabalhos de Daguerre, surgiu a fotografia.

Em Paris, o Museu de Historia Natural tornou-se centro de pesquisadores ilustres, como Cuvier, fundador da paleontologia, e Lamarck, estudioso da influencia do meio nas modificações dos seres vivos.

Claude Bernard afirmava que os fenômenos biológicos obedeciam as mesmas leis que regiam os corpos inanimados. Para demonstrar sua teoria, usou o método experimental,

até ali exclusivo para fenômenos físicos. Nos anos 1860, Pasteur descobriu que a fermentação e as doenças infecciosas resultavam da ação de seres vivos, micróbios e bactérias. Isolou-se e cultivou-os artificialmente. Isso permitiu a fabricação de vacinas, importantes na prevenção de doenças contagiosas.

Em resumo foi um período onde muitos cientistas se destacaram e muitas descobertas que beneficiaram a sociedade até hoje, surgiram. No início do século XIX, o romantismo surgiu em oposição aos valores da sociedade burguesa. Esse sentimento era geral entre a aristocracia e os grupos conservadores, que sentiam saudades da época da dominação da nobreza.

Os românticos tinham idéias opostas ao Classicismo acadêmico e ao intelectualismo do século XVIII. Para eles o importante era os sentimentos e emoções no lugar da razão fria e eles destacavam o papel individual.

Alguns dos adeptos do romantismo por criticarem as condições de trabalho dos operários e a miséria em que viviam as classes populares sob o regime capitalista, passaram a adotar uma posição política revolucionária. Mas também divisão entre eles pois alguns apoiavam a monarquia e sonhavam com o feudalismo medieval, já outros queriam a revolução e sonhavam com a comunidade medieval como solução humana para os males do capitalismo.

Dentre os românticos franceses o de mais destaque foi Victor Hugo, sua obra mais conhecida é *os miseráveis*;

Na Inglaterra os destaque ficaram para as poesias de Lord Byron (Manfred) e os romances de Walter Scott.

O romantismo começou a ter um declínio a parti de 1850. Na poesia, começaram a afirmar-se a doutrina da *arte pela arte* e o *Parnasianismo*, hostil a exaltação dos sentimentos íntimos.

No romance, afirmava-se a corrente realista. Ao contrário do Romantismo, os realistas não procuravam tanto a expressão das emoções. O objetivo deles era mais em retratar a realidade de um modo direto e impessoal, isto é, sem se deixar envolver emocionalmente por ela. Embora isto não tenha impedido de vários dentre eles, adotarem posições críticas em relação à sociedade em que viviam. Entre os realistas, figuram os nomes de Leon Tolstoi (Guerra e paz).

Depois de 1875, alguns artistas e escritores aprofundaram as preocupações sociais do Realismo. Com este aprofundamento surgiu o *Naturalismo*, que acentuava a relação entre a pessoa e o ambiente social além de estimular a reflexão sobre as condições sociais de sua época.

No período romântico, a arquitetura ficou limitada a reproduzir estilos do passado, tendo ainda o forte predomínio do *gótico* medieval, invocado em oposição ao *Neoclassicismo* dos tempos napoleônicos.

Em 1848, a invenção do *concreto armado* por Joseph Monnier serviu de base para novas mudanças na arte da construção. Empregado inicialmente na França, foi na

América que o novo material encontrou aplicação especial. Os altos preços dos terrenos e a concentração urbana impuseram ali a construção de edifícios elevados, os arranha-céus. O primeiro deles foi construído em Chicago, entre 1884 e 1887.

Em contraste com o Neoclassicismo, os pintores românticos davam a cor maiores importância que ao desenho. A orientação deles era mais o sentimento que a razão. Procuravam expor em suas obras figuras com maior dinamismo e cores expressivas.

Na Inglaterra, surgiu o *pré-rafaelismo*, tendência que propunha o retorno da pintura aos renascentistas anteriores a Rafael. Seus temas medievais e suas figuras idealizadas o aproximavam do Romantismo.

Na segunda metade do século, surgiu o Realismo, que dava maior atenção ao equilíbrio entre a cor e o desenho entre a emoção e a inteligência.

Em 1874, muitas obras de pintores não foram aceitas pelo júri do Salão Oficial de Paris, estes por sua vez foram atrás de quem os aceitassem e por isso expuseram suas telas na casa do fotógrafo Félix Nadar.

Uma das telas expostas era *Impressão, Sol Nascente*, de Claude Monet. Ao olhar aquele quadro na parede, o jornalista Louis Leroy acusou o pintor e seu grupo de fazerem borrões. Com desprezo, chamou as obras de *impressionistas*. Este desprezo acabou por dar origem ao movimento : *Impressionismo*.

Os impressionistas captavam em suas telas as constantes alterações que a luz solar provocava nas cores da natureza e sobre os objetos. Quem não analisasse bem acharia mesmo que fossem borrões.

Na passagem do século XVIII para o século XIX, a música européia era dominada pelo Romantismo alemão. Ludwig Van Beethoven e Franz Schbert foram os nomes mais destacados da primeira geração romântica.

Na Itália, os destaques foram para Giuseppe Verdi e Giacomo Puccini, que eram mestres da ópera e cultores do Bel Canto.

A partir de 1882, começa a surgir as experiências com imagens fotográficas, estas serviram para preparar o terreno da sociedade para o cinema. Na França, os irmãos Lumiere começaram a projetar as primeiras cenas filmadas em 1895.

Entre 1909 e 1911, foi construído na Califórnia, Estados Unidos, um espaço destinado a instalação de estúdios para a produção de filmes. A Hollywood que acabou por se tornar uma grande indústria cinematográfica.

O vestuário do século XIX foi influenciado pela Revolução Industrial e pelo triunfo da Burguesia.

A moda passou por quatro grandes estilos:

- 1800-1815: “Império”,
- 1815-1850: “Romântico”,
- 1837-1901: “Era Vitoriana”;

- 1870-1914: “Belle Époque”

Quanto à moda feminina, usavam-se saias compridas até ao chão (para não se verem os tornozelos). Os cabelos usavam-se compridos, mas na forma de canudos, de tranças apanhadas, etc. Por cima, usava-se o chapéu.

Quanto à masculina, as três peças principais eram a casaca, o colete e as calças. Por baixo, vestia-se a camisa e punha-se sempre uma gravata. O cabelo usava-se cortado e apareceram o bigode, as barbas e as suíças. Usava-se sempre um chapéu, sendo o preferido o chapéu alto.

Depois da Revolução Francesa, as pessoas preferiam muito mais roupas confortáveis do que extravagantes e ostensivas, parando de usar muitos bordados, perucas, penteados trabalhosos, corpetes ...E houve também uma certa influência dos campos ingleses na moda, principalmente, a masculina. Sendo assim, passou a fazer parte do guarda-roupa dos homens casacos de caça, botas, golas altas e lenços amarrados no pescoço.

Até o período do império napoleônico, a moda masculina não sofreu grandes mudanças, continuando a ser influenciada pelos ingleses cuja alfaiataria estava em ascensão. O que vai marcar é o uso de calças de casimira principalmente que molda o corpo de seu usuário.

As mulheres também adotaram certa simplicidade, usando vestidos de tecidos leves (como o mousseline e a cambraia) semelhantes à camisolas de cintura alta e normalmente na cor branca.

Durante o Consulado e Diretório franceses houve certa incorporação de valores gregos e romanos, o que acabou garantindo às roupas femininas um toque clássico, além do conforto no império. Napoleão também influenciou muito a confecção das roupas francesas. Por querer desenvolver a indústria têxtil francesa, proibiu a compra de mousseline e algodão da Índia e a repetição de roupas pelas damas da corte. Houve também o surgimento de um acessório muito usado durante a era das revoluções: o xale.

Na Europa, estava "em alta" o visual medieval. Paris estava cheia de moças usando saias compridas com caudas e de tecidos estampados, corseletes de mangas bufantes e competindo para ver qual usava o sapato de bico mais fino; e de rapazes com calças curtas e gibão com recortes sob casacos de arminho, além de adagas no cinto. Quanto aos penteados, meninas mantinham os cabelos compridos e lisos e os prendiam à testa com correntes de ouro e prata. Já os meninos, usavam bonés de veludo de arqueiros sobre a cabeleira e a barba parecia a de um rei assírio.

As roupas eram copiadas dos retratos medievais. E foi nessa época que ressurgiram as mangas presuntos, remanescentes da Renascença, que eram sustentadas por barbatanas ou bolas cheias de espuma. O ombro feminino deveria ser grande assim como as mangas, e, para acompanhar, as saias eram bufantes e os chapéus, gigantescos. Usavam-se também xales delicadamente bordados ou rendados sobre os vestidos e pequenas bolsas de couro à cintura. As mulheres, diferentemente das jovens, usavam os cabelos revoltos e ondulados sob chapéus altos e de abas largas.

No início do reinado da rainha Vitória (que vai de 1837 até 1901), prevalece um extremo recato feminino com mangas coladas, crenolina e pesadas vestes. As mulheres usavam muitas roupas e acessórios: vários corpetes, três ou mais anáguas, vestidos com, as vezes, 20 metros de lã e cheio de adornos, saia de armação, mais um pesado xale (quando saía de casa) e uma grande touca ou chapéu totalmente decorados. Todo esse conjunto poderia chegar a 15 quilos.

Outro acessório que não podia ser deixado de lado na época era o espartilho. Consistia em uma armação de arame, madeira e barbatanas de baleia revestida de tecido que tinha cordões na frente e atrás e era colocado no tronco das mulheres. Sua função era levantar os seios para fazê-los parecerem maiores, empurrar o quadril para trás e pressionar a barriga para dentro. O uso desse artefato dificultava a respiração, fazia mal à coluna, deformava os órgãos internos, tornava difícil se sentar ou subir escadas e podia levar até ao aborto. Mas, como deixava o corpo da mulher semelhante a um violão, era usado pela maioria, inclusive crianças a partir de 3 ou 4 anos.

Depois disso, a rainha Vitória se casou, o que representou o auge da valorização da moral na Inglaterra. Mas, em seguida, seu esposo morre, deixando - lhe de luto pelo resto da vida. Com o luto de sua rainha, os britânicos e americanos se vestiram de preto, em um luto extremo e elaborado. Enfim, o preto se popularizou entre mulheres e crianças que ficavam anos de luto por seus parentes. Nessa época, os decotes também subiram.

Pois bem, a era vitoriana acaba assim com cores escuras numa forma de todos ficarem de luto junto com sua rainha. Isso só acaba com o início da La Belle Époque.

Passou-se a se valorizar muito as curvas do corpo feminino e nunca a cintura fora tão afunilada. O ideal feminino era ter 40 cm de cintura e, para isso, as mulheres recorriam a cirurgias por meio das quais pudessem tirar as costelas flutuantes e deformar mais ainda seus corpos com o uso do espartilho.

Durante esse período, o corpo feminino também passou a ser muito coberto por tecidos. Todas as partes do corpo ficavam ocultas exceto as mãos e as faces, isso se não fossem usadas luvas. Usavam-se golas altas cobrindo o pescoço, saias em forma de sino com as quais as mulheres não conseguiam andar se não dessem pequenos passos, botas para evitar o indecoroso aparecimento de suas canelas e adornos de chapéus como flores enfeitando coques fofos.

Outra novidade foi a masculinização do visual feminino para que as mulheres pudessem andar de bicicleta ou a cavalo mais confortavelmente, usando um traje mais esportivo. Surgiu assim, uma espécie de saia-calção bufante e, mais tarde, com a incorporação dessas roupas ao dia-a-dia, o tailleur (terminho feminino). Este último foi adotado pelas mulheres que viviam nas cidades.

Passou-se a se valorizar muito as curvas do corpo feminino e nunca a cintura fora tão afunilada. O ideal feminino era ter 40 cm de cintura e, para isso, as mulheres recorriam a cirurgias por meio das quais pudessem tirar as costelas flutuantes e deformar mais ainda seus corpos com o uso do espartilho.

Durante esse período, o corpo feminino também passou a ser muito coberto por tecidos. Todas as partes do corpo ficavam ocultas exceto as mãos e as faces, isso se não fossem usadas luvas. Usavam-se golas altas cobrindo o pescoço, saias em forma de sino com as quais as mulheres não conseguiam andar se não dessem pequenos passos, botas para evitar o indecoroso aparecimento de suas canelas e adornos de chapéus como flores enfeitando coques fofos.

Outra novidade foi a masculinização do visual feminino para que as mulheres pudessem andar de bicicleta ou a cavalo mais confortavelmente, usando um traje mais esportivo.

Surgiu assim, uma espécie de saia-calção bufante e, mais tarde, com a incorporação dessas roupas ao dia-a-dia, o *tailleur* (terminho feminino). Este último foi adotado pelas mulheres que viviam nas cidades.

## 5 CRÍTICA À RELIGIÃO EVOLUCIONISTA

Pelo termo *Animismo*, Tylor designou a manifestação religiosa na qual se atribui a todos os elementos do cosmos (Sol, Lua, estrelas), a todos os elementos da natureza (rio, oceano, montanha, floresta, rocha), a todos os seres vivos (animais, árvores, plantas) e a todos os fenômenos naturais (chuva, vento, dia, noite) um princípio vital e pessoal, chamado de "ânima", que na visão cosmocêntrica significa energia, na antropocêntrica significa espírito e na teocêntrica alma.

Tylor influenciou o antropólogo Frazer que escreveu, em 1890, *O Ramo Dourado*. Este livro, Frazer elabora a teoria evolucionista, segundo a qual os humanos percorrem as seguintes etapas: Magia  $\Rightarrow$  Religião  $\Rightarrow$  Ciência. A última etapa atribui um poder e validade superior. Frazer é conhecido porque, certa vez, lhe perguntaram se já tinha conhecido algum selvagem, ao que ele respondeu: “Livre-me Deus de semelhante atrocidade”.

A teoria evolucionista de Morgan constitui também uma forte oposição ao paradigma bíblico, uma vez que este defende a “impossibilidade de continuar a evocar a teoria da degradação humana para explicar a existência de selvagens e bárbaros”.

Sabemos que o cientificismo é uma corrente laica nascida em oposição ao teocentrismo predatório deixado como legado decadente, pela cultura romana bizantina. Dentro disso, qualquer oposição a igreja após período monista inquisidor é visto com “bons olhos”. O protestantismo é um exemplo de oposição com a divulgação do evangelho em outros idiomas por Lutero, embarcado nas primeiras linhas renascentistas na evolução religiosa. Com o Concílio de Trento o liberalismo religioso tomou proporções ainda maiores. Não podemos deixar de lado o naturalismo romano como legado deixado aos cientificistas evolucionistas até os dias de hoje. Também não podemos deixar de falar das culturas primitivas que, sofreram influência delas mesmas, quando da magia de Frazer, faz-se oposição.

Ao entrar nesta seara da ética e da religião social do século XIX até os tempos contemporâneos, não podemos deixar de lado a vítima esbulhada pelos Estados que sucederam tais turbas, o homem histórico, com mais provas de sua existência do que o pai da ciências filosófica (Sócrates), Jesus de Nazaré. Com origem determinante em

seus ensinamentos e a dos Hebreus, matéria de filosofia, religião e de direito, cita no livro de João:

“Não crês tu que estou no pai e o pai está em mim?(...) Crede-me quando digo que estou no pai e o pai está em mim; pelo menos crede por causa das mesmas obras”. (João 14:10-11)

Jesus não disse o pai está longe e eu estou longe do pai e no meio de nós dois está o Estado absolutista ou o some-sacerdote do templo para conquista, controle e dominação dessa relação religiosa. O que ocorre é que a deturpação finalista econômica esbulha a massa social com seu ego político repressor. Tal verossimilhança encontra-se no excesso cometido pelo homem ao tratar do controle da religião com sua finalidade econômica. O dualismo afasta a possibilidade de uma formação humanística coletiva, assim como afasta a união das teorias religiosas em voga. Nazaré não pode mais ser ignorado ou esbulhado pelo Estado ou pela deturpação romana de seus pensamentos. O protestantismo apenas muda a relação de poder engessando os ensinamentos cristãos no evangelho reformado. Agora não é mais o sacerdote no meio do pai e de Jesus, é o sacerdote entre o evangelho e o pai.

Ainda sim a má interpretação do homem, quanto ao “consolador” em sociedades isoladas que, interpretaram tais experiências de magia na simbologia representativa de um tóten, com a expressão maior de suas próprias organizações sociais; como se não deversem apreender do pai más, apenas dos seus colonizadores. Além de sua expressão em outras culturas que, passam em despercebido, como se o pai fizesse distinção entre o ocidente, oriente e o extremo oriente. O naturalismo também é visto em conseqüente dualismo com a razão, numa nova separação da natureza e do homem primário que, estimula a intolerância e o egocentrismo em face das diferenças culturais.

Em outras palavras resume Rampazzo: “Este mercado selvagem, sob o pretexto da competitividade, prospera ao explorar até as últimas conseqüências o homem e o meio ambiente.” (Rampazzo, 2004, p.220)

E por fim cita: “Os grupos de voluntários que trabalham com necessitados (doentes, presos, indigentes...) são um exemplo vivo de solidariedade e manifestam uma maneira concreta de colaborar a favor da justiça social, superando a simples lógica do mercado.” (Id. p.222)

## **6 CONCLUSÃO**

A teoria da evolução, também chamada evolucionismo, afirma que as espécies animais e vegetais existentes na Terra não são imutáveis, mas sofrem ao longo das gerações uma modificação gradual, que inclui a formação de novas raças e de novas espécies. Tal teoria se transformou em fonte de controvérsia, não somente no campo científico, como também na área ideológica e religiosa em todo o mundo.

Até o século XVIII, o mundo ocidental aceitava a doutrina do criacionismo, segundo a qual cada espécie, animal ou vegetal, tinha sido criada independentemente, por ato divino.

O pesquisador francês Jean-Baptiste Lamarck foi um dos primeiros a negar esse postulado e a propor um mecanismo pelo qual a evolução se teria verificado. A partir da observação de que fatores ambientais podem modificar certas características dos indivíduos, Lamarck imaginou que tais modificações se transmitissem à prole: os filhos das pessoas que normalmente tomam muito sol já nasceriam mais morenos do que os filhos dos que não tomam sol.

A necessidade de respirar na atmosfera teria feito aparecer pulmões nos peixes que começaram a passar pequenos períodos fora d'água, o que teria permitido a seus descendentes viver em terra mais tempo, fortalecendo os pulmões pelo exercício; as brânquias, cada vez menos utilizadas pelos peixes pulmonados, terminaram por desaparecer.

Assim, o mecanismo de formação de uma nova espécie seria, em linhas gerais, o seguinte: alguns indivíduos de uma espécie ancestral passavam a viver num ambiente diferente; o novo ambiente criava necessidades que antes não existiam, as quais o organismo satisfazia desenvolvendo novas características hereditárias; os portadores dessas características passavam a formar uma nova espécie, diferente da primeira.

A doutrina de Lamarck foi publicada em *Philosophie zoologique* (1809; Filosofia zoológica), e teve, como principal mérito, suscitar debates e pesquisas num campo que, até então, era domínio exclusivo da filosofia e da religião. Estudos posteriores demonstraram que, apenas o primeiro postulado do lamarckismo, estava correto; de fato, o ambiente provoca no indivíduo modificações adaptativas; mas os caracteres assim adquiridos não se transmitem à prole.

Em 1859, Charles Darwin publicou *The Origin of Species* (A origem das espécies), livro de grande impacto no meio científico que pôs em evidência o papel da seleção natural no mecanismo da evolução. Darwin partiu da observação segundo a qual, dentro de uma espécie, os indivíduos diferem uns dos outros. Há, portanto, na luta pela existência, uma competição entre indivíduos de capacidades diversas. Os mais bem adaptados são os que deixam maior número de descendentes.

O darwinismo estava fundamentalmente correto, mas teve de ser complementado e, em alguns aspectos, corrigido pelos evolucionistas do século XX para que se transformasse na sólida doutrina evolucionista de hoje. As idéias de Darwin e seus contemporâneos sobre a origem das diferenças individuais eram confusas ou erradas. Predominava o conceito lamarckista de que o ambiente faz surgir nos indivíduos novos caracteres adaptativos, que se tornam hereditários.

Um dos primeiros a abordar experimentalmente a questão foi o biólogo alemão August Weismann, ainda no século XIX. Tendo cortado, por várias gerações, os rabos de camundongos que usava como reprodutores, mostrou que nem por isso os descendentes passavam a nascer com rabos menores. Weismann estabeleceu também a distinção fundamental entre células germinais e células somáticas. (Martins, 2004, [www.4shared.com](http://www.4shared.com))

Concluimos que tal corrente assim como as classes marxistas, contribuíram para o desvalor dos direitos fundamentais do homem, de maior importância social, até o mundo contemporâneo, bem como todos os bens jurídicos que, tem por objetivo

preservar a vida neste planeta. Trazendo a baila ideais de auto-conhecimento em que nossos vícios de estado antropológico ainda, nos impedem de viver.

## **7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

PREZZOTO, Marconi. **Antropologia Uma Introdução**. SP: Atlas, 2006.

RAMPAZZO, Lino. **Antropologia Religiões e Valores Cristãos**. SP: Loyola, 2004.

BÍBLIA THOMPSON, Frank Charles. Língua Portuguesa. **Tradução João Ferreira de Almeida**. Décima edição. SP: Vida, 2005.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. SP: Campus, 1992.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão**. G.W: Hogarth Press, 1948.

SÓCRATES. **Os Pensadores**. SP: Nova Cultural, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. SP: Contraponto, 1995.

Site:

Wikipédia, A Enciclopédia Livre. Evolucionismo Social. Brasília, 7 de abr. 2008 em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolucionismo\\_Social](http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolucionismo_Social)>. Acesso em: 07 abr. 2008.

4shared, Free File Shared. Evolucionismo. Brasília, 5 de abr. 2008 em < <http://www.4shared.com/network/search.jsp?searchmode=2&searchName=evolucionismo>> . Acesso em : 5 de abr.2008.

Paulabeh/ Battisti, Julio. Evolucionismo Cultural. Brasília, 3 de abr. 2008 em <<http://paulabeh.blogspot.com/http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/adrienearaujo/historia027.asp>>. Acesso em: 3 de abr. 2008.